

Um diálogo sobre o sentido do Movimento Regionalista Gauchesco: Barbosa Lessa, Tau Golin e Ruben Oliven*

Lisana Bertussi**

Resumo

Apresentação de três perspectivas de visão sobre o significado do Movimento Regionalista Gauchesco, ou seja: 1º) a do tradicionalista Luiz Carlos Barbosa Lessa, na tese apresentada no Iº Congresso Tradicionalista, em 1954, no seu *Nativismo: um fenômeno social gaúcho*, de 1995, em que se destaca um ponto de vista apológico com a valorização da tradição; 2º) a do sociólogo Tau Golin, em *A ideologia do gauchismo*, de 1983, em que, de forma crítica contundente, vê-se o fenômeno do gauchismo como elemento componente da luta de classes e agente fortalecedor da alienação, ideologia que serve às elites e 3º) a do antropólogo Ruben George Oliven, em *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*, em que o autor considera que quando uma comunidade adere afetivamente a uma representação simbólica é porque faz sentido para ela e, nesse caso, não há nesse procedimento nenhum tipo de imposição.

Palavras-chave

Regionalismo gauchesco; identidade; representação simbólica; tradição

Abstract

This paper aims to present three prospects on the meaning of Gaucho Regionalist Movement, produced by: 1) the traditionalist Luiz Carlos Barbosa Lessa, on his thesis presented in the First Congress in 1954 as a Traditionalist Nativism: a social *gaucho* phenomenon in 1995, in which stands an apological point of view with the appreciation of tradition; 2) the sociologist Tau Golin, on *The ideology of gauchism* (1983), in which, critically, he sees the phenomenon of gauchism as a component element of the class struggle and reinforcing agent of alienation, the ideology that serves elite; 3) the anthropologist Ruben George Oliven on *The part and the whole: cultural diversity in Brazil-nation*, in which the author considers that when a community adheres affectively to a symbolic representation it is because it makes sense for itself and, in this case, there is no imposition in this procedure.

Keywords

Gaucho regionalism; identity; symbolic representation; tradition

UM MOVIMENTO REGIONALISTA QUE SE CONSIDERA UM DOS MAIS FORTES DO BRASIL, com seus *Centros de Tradições Gaúchas*, espalhados por todo o País, em Nova Iorque e até com projeto para Milão; um movimento que arregimenta pessoas de todas as idades desde os homens maduros, passando pelos jovens para chegar aos guris, que querem ser todos “igualzitos ao pai”, como diz a música “Guri”, de João Batista Machado, vencedora da 13ª *Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana*; um movimento que promove tantos rodeios e festivais de música incontáveis não pode deixar de ser objeto de exame, um fenômeno cultural importante e significativo.

Na verdade, já está em andamento uma reflexão sobre o sentido desse movimento, na qual tem sido enfatizados aspectos como: a valorização da tradição, a configuração de uma representação simbólica, sob a forma de mito, calcado no homem rural idealizado no *centauro dos pampas*, por sua forte ligação com o cavalo, que o serve nas lidas e nas contendas guerreiras, e no *monarca das coxilhas*, em que está um resquício das tendências separatistas, ou pelo menos do desejo de autonomia maior deste estado frente ao governo federal. Também se tem discutido o papel da arte e, principalmente, da literatura, na constituição e fixação dessa representação. Todas essas são questões relevantes para pensar o sentido do movimento que vamos nomear de Regionalismo Gauchesco, que abrange nomeações como Tradicionalismo ou Nativismo.¹

Três estudiosos da cultura gauchesca se abalanzaram a falar sobre o regionalismo gauchesco, em textos como a tese apresentada no 1º Congresso Tradicionalista, “O sentido e o valor do tradicionalismo” (1954) e *Nativismo: um fenômeno social gaúcho* (1995), ambos de Luiz Carlos Barbosa Lessa, um dos fundadores do movimento tradicionalista, *A ideologia do gauchismo* (1983) do sociólogo Tau Golin, e *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação* do antropólogo Ruben Oliven (1992), e suas perspectivas de olhar. Ressalvadas as diferenças de formação de cada um e a época de sua publicação, podem ser consideradas como uma espécie de diálogo sobre o tema. Vamos a ele.

Lessa, em *Nativismo: um fenômeno social gaúcho*, inicia afirmando que o telurismo é a mola propulsora mais presente no Gauchismo e assumir se refere: “A esse contato entre Terra e homem se chama força telúrica. Parte da força cósmica – que é a de todo universo. E

¹ Há estudos que consideram essas como correntes do Regionalismo Gauchesco, mas não vamos nos deter nessa distinção, por ora. Usaremos a nomeação genérica: Movimento Regionalista Gauchesco e respeitaremos quando o autor em foco falar de Tradicionalismo ou Nativismo.

telurismo é a capacidade de sentir a presença do solo, do chão, da gleba, amando-a a mais não poder.” (LESSA, 1985, p. 12).

E, considerando que esse sentimento é muito forte, debita sua origem à visão hiperbólica dos primeiros colonizadores, que se encantaram com a beleza e riqueza do Rio Grande do Sul, citando o mestre de campo André Ribeiro Coutinho, que em 1737 escreveu uma carta elogiando essa terra a seu superior dizendo:

A este país, meu senhor, tenho chamado a Terra dos muitos, e ouça Vossa Mercê a razão. Na verdade, há aqui muita carne, muito peixe, muito pato, muita marreca, muito maçarico real, muita perdiz, muita courama, muito pântano. No verão, muita calma, muita mosca, muita mutuca, muito mosquito, muita pulga. No inverno, muita chuva, muito vento, muito frio, muito trovão. E, em qualquer tempo, muito trabalho, muita faxina, muito boa água, muita esperança e muita saúde para bem servir a Vossa Mercê. (LESSA, 1985, p. 12).

E o que, segundo o autor, ao longo do tempo, reforçou essa “consciência nativa”, foram, por um lado, os movimentos políticos de fundo separatista, ou pelo menos que buscavam autonomia político-econômica, como a Revolução Farroupilha de 1935, a Revolução Federalista de 1893, a de 1924 e a de 1930; por outro, a criação de instituições e sociedades como o *Partenon literário* em 1868, que estimulou a ênfase da literatura de fundo localista; a fundação do *Grêmio gaúcho* em 1898; do *Instituto Histórico e Geográfico* em 1920 e do *CTG 35* em 1948. Todos esses momentos de contendas e essas agremiações foram, segundo Lessa, estimuladoras dessa consciência forte de pertença à região gaúcha, expressa no Movimento Regionalista Gauchesco.

Acrescenta ainda o autor que a criação de *CTGs*, em todo o estado; o movimento musical com festivais como a *Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana*, com início em 1970 nessa cidade, e os inúmeros outros que o seguiram e proliferam hoje em toda a região; os programas de rádio e TV; os acampamentos e rodeios; o movimento editorial, com editoras como a Tchê, a Martins livreiro, a LPM, a Mercado Aberto, a Movimento, que publicaram textos sobre história, cultura e literatura regionalista gauchesca; a Missa Crioula, os Congressos Tradicionalistas, iniciados em 1954, todos foram elementos motivadores da ampliação do Gauchismo.

Em sua tese “O sentido e o valor do tradicionalismo”, apresentada no 1º Congresso Tradicionalista, em 1954, Lessa procura refletir sobre o porquê desse movimento ser tão importante. Inicia fazendo considerações sobre o papel da cultura, como forma de integração, ou seja: “A cultura [...] tem por finalidade adaptar o indivíduo não só ao seu ambiente natural, mas também ao seu lugar na sociedade. [...] E graças à Tradição, essa cultura se transmite de uma geração a outra, capacitando sempre os novos indivíduos a uma pronta integração na vida

em sociedade.” (LESSA, 1954, p.5). O tradicionalista considera que estamos passando por um momento de crise, dado o crescimento das cidades e a forte presença da tecnologia, o que faz com que a cultura e a sociedade ocidental sofram um “assustador processo de desintegração”, que ele debita principalmente ao enfraquecimento do núcleo de culturas locais, ou seja: “Devido ao surto surpreendente do maquinismo,² em nossos dias, bem como à facilidade de intercâmbio cultural entre os mais diversos povos, observa-se que o núcleo das culturas locais ou regionais vai se reduzindo gradativamente a ponto de se ver sufocado pela zona das Alternativas”.³ (LESSA, 1954, p. 6).

Embora o autor não seja completamente explícito, pode-se depreender que ele está se referindo ao processo de massificação cultural que enfraquece a cultura local. E ele enfatiza que, nesse processo, desaparecem os grupos locais responsáveis pela integração social, dizendo:

As duas unidades sociais mais importantes como transmissoras de culturas são a “família” e o “grupo local”. Através dessas duas unidades o indivíduo recebe com maior intensidade a sua herança social. São exemplos de “grupo local” em nossa sociedade, o “vizindário” ou “pago” das populações rurais, bem como as pequenas vilas do interior, ou ainda (um exemplo do passado) os bairros com vida própria das cidades de há alguns anos atrás. Por “grupo local” entende-se o agregado de famílias e de indivíduos avulsos que vivem juntos em certa área, compartilhando hábitos e noções comuns.

[...] o integrar-se a um “grupo local” constitui verdadeira necessidade psicológica para o indivíduo normal. Este precisa de uma unidade social coesa, maior que a família, dentro da qual sinta que outros indivíduos são seus amigos, que compartilham suas ideias e hábitos. Tanto é verdade que o indivíduo se sente inseguro quando se vê só ou entre estranhos. Pois bem. O enfraquecimento da vida grupal – conforme acentuou Ralph Linton – é [...] característica de nossa época. As unidades sociais pequenas estão gradativamente desaparecendo e cedendo lugar às massas de indivíduos. (LESSA, 1954, p. 6-7).

Na opinião desse tradicionalista, o Movimento Regionalista Gauchesco tem tido a força de agregação que inegavelmente apresenta, porque com seus *Centros de Tradições Gaúchas* consegue reproduzir as características do grupo local, pois seus afiliados podem novamente recuperar o sentimento de pertença a uma espécie de segunda família. Daí, o sentido positivo do tradicionalismo que Lessa tenta expressar.

À literatura e, principalmente, ao modernismo de nossos escritores, vestido aqui com as cores do localismo, uma de suas principais propostas, o autor atribui um papel relevante na fixação do que é tradicional e regional e cita, entre outros, Carlos Dante de Moraes que afirma:

Não tenta aos nossos escritores a expansão total da personalidade, nessa tendência moderna de cada um proclamar o que o distinga dos outros, numa era de criação ousada, de arte

² Refere-se provavelmente à Sociedade Tecnológica.

³ Refere-se provavelmente a culturas alternativas.

inteligente e cerebral. Preferimos o sacrifício de uma parte de nós mesmos ao rincão, ao homem altivo do campo. E sabemos confundir-nos com este, para melhor exprimi-lo, derramando a alma na poesia viva da gleba. Eu não saberei dizer se todos os estranhos entendem o nosso particularismo, e menos ainda se o estimam. Pois, fora daqui, o homem rústico não é mais que uma curiosidade, com função de exotismo saboroso. Mas nosso regionalismo é um grande lago onde se espelha a tradição. (LESSA apud MORAIS, 1985, p. 52).⁴

Refere também um artigo publicado no *Correio do Povo*, de 2 de junho de 1927, em que Augusto Meyer, um dos baluartes de nossa literatura modernista, poeta e crítico da maior envergadura, tem parte de sua poesia com características fortemente regionalistas, e reforça a valorização da tradição:

Tradição é desejo de claridade. Chega um momento na vida em que o homem, ante as flutuações do seu espírito, quer chegar a um ponto de apoio, marcando uma *estrada real* no meio dos mil *sendeiros* que abrem aos seus olhos cobiçosos o fascínio da aventura. A tradição é justamente essa força que nunca admite as imposições individuais. Ela obriga à humildade, como tudo o que está acima e além do homem. Quando muito, a Tradição quer ser adivinhada em suas formas e penetrada com inteligência. E a inteligência, nesse caso, é o amor à terra. O qual nem procura justificar-se. Mas procura *ser*, afirmando. (LESSA apud MEYER, 1985, p. 55).⁵

Não há dúvida de que a perspectiva do olhar de Lessa, sobre o Movimento Regionalista Gauchesco, é marcada pela apologia valorizadora da tradição. Vejamos como o diálogo continua com os demais estudiosos desse fenômeno cultural.

Golin, em seu *A ideologia do gauchismo*, inicia sua discussão sobre o tema com um capítulo intitulado “Tradicionalismo e sua ideologia”, em que inicialmente explicita seu objetivo como:

Nossa preocupação maior, aqui, é colocar à apreciação do leitor formulações sobre a ideologia, [...] inserindo-as, por sua vez, na realidade cultural e social em que se constitui o Tradicionalismo, já que não o vemos distanciado da luta de classes, mas sim, como um de seus componentes. Tentamos desmascarar o seu “isolacionismo” – como traduzem ao senso comum seus intelectuais – indicando o fato de que ele fortalece as condições de alienação que lhe determinaram. (GOLIN, 1983, p. 11).

Para servir-lhe como instrumento de interpretação do movimento, o autor conceitua a ideologia, citando Sandra Jatahy Pesavento, para quem essa é “o conjunto de idéias acerca do mundo e da sociedade, que correspondem a interesses ou ideais de uma classe social num contexto social dado, que guia e justifica o comportamento dos homens de acordo com estes interesses, aspirações ou ideias”. (GOLIN apud PESAVENTO, 1983, p. 12).

A seguir afirma que eram as elites latifundiárias, com as ideias predominantes dos estancieiros, representantes da oligarquia rural, e a burguesia industrial que detinham o poder

⁴ Barbosa Lessa, em *Nativismo: Um fenômeno social gaúcho* (1985), apenas afirma: “Eis a profissão de fé de Carlos Dante de Moraes, então guri de apenas 16 anos” sem apontar a fonte da citação.

⁵ Barbosa Lessa apenas refere para essa citação: “Artigo no *Correio do Povo* de 2 de junho de 1927”.

e, portanto, a quem a ideologia servia. E o Tradicionalismo é considerado “um dos organismos de sustentação da classe dominante”, pois afirma a concepção ideológica de uma pretensa “democracia gaúcha” idealizando uma falsa igualdade racial e social que não existe.

E a literatura, como manifestação da cultura gauchesca, segundo Golin, foi, desde o início, um reforço dessa ideologia, ao cultivar o mito do gaúcho numa configuração romântica que igualava o peão ao patrão, o pobre ao abastado.

Demonstra também o quanto o ideário positivista estava por trás dessa idealização, referindo o Major João Cezimbra Jacques, fundador do *Grêmio gaúcho*, “republicano histórico positivista declarado” e afirmando, em parte com citação do mesmo, em *Assuntos do Rio Grande do Sul* de 1979, que é evidente que o tradicionalismo nasceu da elite e com uma perspectiva ideologicamente positivista. Por esse motivo, vamos perceber que, na sua origem, a concepção de “arte é cultivar tudo quanto na tradição há de alegre, bom, moralizador, salutar, lhano e sincero, ou, em uma palavra, todos os elementos que constituem o que ela tem de grandioso e tudo enfim, quanto dentro dos limites do possível e da ordem, possa concorrer para o engrandecimento de nossa terra”. (GOLIN apud JACQUES, 1985 p. 31).

Enfatiza, então, o autor que o Tradicionalismo “conservador” e “radicalmente reacionário”, de forma idealizadora e falsa, “unifica todos os homens” desconsiderando a existência de classes sociais, pois “os interesses do capitalista, do operário do estancieiro e do peão, [...] aparecem como os mesmos [...]. Do ponto de vista da luta de classes, [esse movimento] ao negá-la, acomoda satisfatoriamente cada um no seu lugar. O fundamental é o controle, o equilíbrio hegemônico”. (GOLIN, 1983, p. 55).

Quanto ao folclore, como manifestação da arte popular, afirma que o Tradicionalismo desapropria-o e que “a estratificação dos fatos folclóricos mantidos [por esse movimento regionalista] se baseia na manutenção de somente aqueles que foram presenciados antigamente nas estâncias” (GOLIN, 1983, p. 90), desprezando as manifestações atuais, em favor do passado, e excluindo culturas de outras etnias, como é o caso da africana, entre outras.

Refere o “culto do CTG” como simulacro do pago, tão valorizado por Lessa, como uma forma de “enfumaça[r] a visão social ao atribuir à estância o sentido de ‘universo’. Iguala peão e patrão simplesmente por ambos usarem bombachas, botas, etc. A realidade se cristaliza quando concebe o peão como realmente ele é, o trabalhador rural assalariado[...] que vende a sua força de trabalho”. (GOLIN, 1983, p. 58).

Aponta também os rodeios como uma forma de mascarar os conflitos oriundos do trabalho do peão, transformando a labuta diária numa ilusória festa. Refere, ainda, o *vago*, o *andarengo* cultuado pela literatura como uma faceta do mito, o gaudério, que traduz seu gosto pela liberdade, como, na realidade, um marginalizado social.

Como conclusão das colocações de Golin podemos dizer que para esse sociólogo o Movimento Regionalista Gauchesco está vinculado a uma visão de mundo configurada pela ótica da classe dominante a quem ele acaba servindo, acompanhado pelas manifestações culturais artísticas, que, velando os conflitos sociais da realidade, cultuam uma imagem do universo rural construída de forma idealizadora, mitificadora e mascaradora do real.

Vejamos uma nova faceta da discussão com outra perspectiva de olhar sobre o movimento. Oliven, no seu *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*, no capítulo intitulado “Nação e tradição na virada do milênio”, inicia por, via Durkheim, conceituar o totem, como “uma bandeira; [...] signo através do qual cada clã se distingue dos outros, [...] marca visível de sua personalidade, marca conferida a tudo que faz parte do clã: homens, animais ou coisas”. (DURKHEIM apud OLIVEN, 1992, p. 14). Com isso, o autor oferece um primeiro elemento para que possamos refletir sobre a questão da identidade, da tradição e o mito do gaúcho construído pelo Movimento Regionalista Gauchesco.

Ao tratar do nacional, Oliven acaba por referir ao regional dizendo: “O regionalismo aponta para as diferenças que existem entre regiões e utiliza essas diferenças na construção de identidades próprias” (OLIVEN, 1992, p. 16), afirmando ser essa a reivindicação maior desse movimento.

Não se pretende enfatizar, aqui, as possíveis críticas feitas pelo autor ao regionalismo gauchesco, embora ele o faça; e não se entra nessa questão, não por não ser relevante, mas por não interessar pontualmente a esta reflexão. É importante como o antropólogo descreve o fenômeno do Regionalismo gauchesco, que ele considera “essencialmente político em sua definição e que se caracteriza também por desigualdades sociais, mas que se articula mobilizando sentimentos coletivos”. Afirma, ainda, que se passa, nesse caso, do campo da política para “o da cultura, no qual a dimensão simbólica desempenha um papel preponderante”. (OLIVEN, 1992, p. 19).

Considera Oliven que, no processo das “lutas a propósito da identidade regional, a construção da memória se reveste de importância fundamental” e, via Halbwachs, que a individual está vinculada à grupal, coletiva de uma sociedade, a qual ele nomeia de “tradição”. E enfatiza, ainda, que não é preciso “ver nessa memória coletiva uma imposição,

uma forma específica de dominação ou violência simbólica”, pois “acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo”, donde vem a expressão utilizada por ele de “comunidade afetiva”. (OLIVEN, 1992, p. 19).

Ao se referir à ideologia, diz que ela “é bem sucedida na medida em que consegue dar a impressão de unificar os interesses de diferentes grupos sociais” e que

para que uma ideologia se realize como tal, capture os sujeitos, provoque adesão, é preciso que as significações produzidas pelo discurso encontrem eco no imaginário dos indivíduos aos quais se dirige, isto é, é preciso que se dê uma certa adequação entre as significações desse discurso e as representações dos sujeitos. (MAGNANI apud OLIVEN, 1992, p. 21).

Ao concluir estas considerações, o antropólogo afirma que, ao entender tradição como o “conjunto de orientações valorativas consagradas pelo passado, [o] culto à tradição, longe de ser anacrônico, está perfeitamente articulado com a modernidade e o progresso”. (OLIVEN, 1992, p. 21).

Mais adiante afirma, em primeiro lugar, que o importante não é “saber se uma crença corresponde a algum tipo de realidade fática, mas [...] analisar por que, mesmo sabendo que ela é contrariada pelos fatos, existem grupos que acreditam nela”; em segundo lugar, que sua “reflexão se aplica à noção de mito que frequentemente é interpretado de forma errônea como oposto à realidade, esquecendo-se que ele é uma narrativa atemporal e abrangente, cuja unidade significativa está preocupada em resolver contradições e questões que têm a ver com a origem dos fenômenos naturais”. (OLIVEN, 1992, p. 23; 26). Isso, em nosso entender, poder-se-ia aplicar a qualquer configuração mítica, como a do gaúcho, que é o foco de nosso estudo.

Considera que “identidades são construções sociais formuladas a partir de diferenças reais ou inventadas que operam como sinais diacríticos, isto é, sinais que conferem uma marca de distinção” e finaliza o capítulo dizendo:

Atribui-se a Tolstói ter afirmado que o escritor que quiser ser universal deve começar descrevendo sua aldeia. A afirmação é significativa, pois, embora sejamos todos universais, na medida em que pertencemos ao gênero humano, existe uma série muito grande de mediações que vão do indivíduo específico até o ser humano genérico. (OLIVEN, 1992, p. 27).

Com certeza essas reflexões podem ser aplicadas ao exame do sentido do Movimento Regionalista Gauchesco que cultua a tradição e configura uma representação simbólica que tem sido muito criticada por não corresponder ao que Oliven chamou de *realidade fática* e é sem dúvida um símbolo a que uma grande comunidade de grupos adere afetivamente, o que

demonstra que tem sentido para eles. Oliven, inclusive, ressalta que “a representação da figura do gaúcho com suas expressões campeiras, envolvendo o cavalo, o chimarrão e a construção de um tipo social livre e bravo serviu também de modelo para grupos étnicos diferentes, o que estaria a indicar que essa representação une os habitantes do estado em contraposição ao país”. (OLIVEN, 1992, p.70). Portanto, é um elemento de identidade eficiente ideologicamente.

O antropólogo acrescenta, ainda, outro elemento para pensar o significado do Movimento Regionalista Gauchesco: a reação à pasteurização e massificação da cultura que estava, desde o início, incluída nos seus objetivos. Inicia por citar Barbosa Lessa em *Nativismo um fenômeno social gaúcho*:

Porto Alegre nos fascinava com seus anúncios luminosos a gás neon, Hollywood nos estonteava com a tecnocolorida beleza de Gene Tierney e as aventuras de Tyrone Power, as lojas de discos punham em nossos ouvidos as irresistíveis harmonias de Harry James e Tommie Dorsey, mas, no fundo, no fundo, preferíamos a segurança que somente nosso “pago” sabia proporcionar, na solidariedade dos amigos, na alegria de encilhar um “pingo” e no singelo convívio das rodas de galpão. Não nos conhecíamos uns aos outros, mas devíamos andar nos pechando pelos labirintos da capital. Nunca tínhamos ouvido falar nas anteriores experiências nativistas – dos anos 60, dos anos 90 e dos 20 – e precisávamos escolher nosso rumo por nós mesmos. E quando o existencialismo de Jean Paul Sartre pôs diante de nós o derrotismo e a descrença, instintivamente nos agarramos a nossos rudes antepassados para uma afirmação de vitória e fé. Por essa época, o Rio Grande andava bastante esquecido de si mesmo, e a própria bandeira estadual permanecia queimada e escondida desde novembro de 1937. Resquícios do Estado Novo e seu sufoco centralizador. (LESSA apud OLIVEN, 1992, p. 76).

O antropólogo, comentando as palavras de Lessa, ressalta como importante a consciência da presença da cidade, como *metrópole*, com “produtos da indústria cultural” vindos do Exterior, e as “filosofias céticas vindas da Europa”, o que podia ser “fascinante, mas ao mesmo tempo ameaçador”, para esses *juvens interioranos* que como *reação à invasão cultural* apegaram-se “ao que era considerado seguro e claro: o campo e o passado”. (OLIVEN, 1992, p.77). E o autor, longe de criticar essa atitude, afirma:

Quando se pretende comparar o Rio Grande do Sul ao resto do país, apontando diferenças e construindo uma identidade social, é quase inevitável que esse processo lance mão do passado rural do estado e da figura do gaúcho, por serem estes os elementos emblemáticos que permitem ser utilizados como sinais distintivos. (OLIVEN, 1992, p. 128).

No capítulo final do livro, intitulado “Novas fronteiras da cultura”, em que o autor trata do fenômeno da globalização, enfatiza novamente a funcionalidade da busca da tradição como reação, ou seja:

Todo esse processo de mundialização da cultura que dá a impressão de que vivemos numa aldeia global acaba repondo a questão da tradição, da nação e da região. À medida que o mundo se torna mais complexo e se internacionaliza, a questão das diferenças se recoloca e há um intenso processo de construção de identidades. Se a unificação nacional ocorrida no

passado se mostrou contrária à manutenção de diversidades regionais e culturais, o mundo está em parte assistindo justamente a afirmação das diferenças. (OLIVEN, 1992, p. 135).

E ainda:

É natural, portanto, que os atores sociais procurem objetos de identificação mais próximos. Somos todos cidadãos do mundo na medida em que pertencemos à espécie humana, mas necessitamos de marcos de referência que estejam mais próximos de nós. Experimentamos a mesma dificuldade que tem uma criança em entender o que é um mapa do mundo e por que sua casa não está representada nele. (OLIVEN, 1992, p. 136).

E como conclusão: “O fato dessas tradições não terem mais uma relação com a situação presente é irrelevante, pois o critério para analisá-las não pode ser o anacronismo, mas o que elas representam no imaginário dos grupos que as cultuam.” (OLIVEN, 1992, p. 136).

Essas considerações de Oliven oferecem uma perspectiva de visão sobre o significado do Movimento Regionalista Gauchesco, que pode ser considerada uma espécie de mediação ponderada entre a apologia hiperbólica e a crítica contundente.

Apresentamos essas três visões sobre o sentido do movimento regionalista gauchesco sem nos fixarmos àquela que pode ser considerada a mais pertinente. Apenas oferecemos ao leitor a oportunidade para refletir sobre o que consideramos um diálogo não definitivo sobre uma questão tão relevante e polêmica como esta.

Referências

GOLIN, Tau. *A ideologia do gauchismo*. Porto Alegre: Tchê, 1983.

JACQUES, João Cezimbra. *Assuntos do Rio Grande do Sul*. s/l: Erus, 1979.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. *Nativismo: um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre: LPM, 1985.

_____. *O sentido e o valor do tradicionalismo*. Santa Maria: Tese apresentada no 1º Congresso Tradicionalista, julho de 1954.

MAGNANI, José Guilherme. *Ideologia, lazer e cultura popular: um estudo do Circo – Teatro nos bairros de periferia de São Paulo*. *Dados*, vol 23, 1980.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Historiografia e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

* Artigo recebido em 10 de abril de 2013 e aprovado em 18 de setembro de 2013.

** Docente no curso de Graduação em Letras, no Mestrado em Letras, Cultura, Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul e no Doutorado em Letras da UCS/Uniritter.